

CÔA, RIO DO NOSSO DESLUMBRAMENTO*

por

Vítor Oliveira Jorge

Na segunda metade do séc. XIX aprendemos que os “selvagens” que habitaram a Europa há 30.000 ou há 20.000 anos eram capazes de produzir obras que hoje consideramos como artísticas. Nos princípios do séc. XX já ninguém tinha dúvidas de que essas “obras” não eram apenas objectos portáteis, mas painéis inteiros que se inscreviam na arquitectura natural das cavernas. Nos anos 60 ficámos a saber que esses painéis não eram feitos ao acaso, nem simples produtos de uma magia de caça ou da fertilidade: eram mitogramas, representavam o suporte visual de uma religião, impregnavam de sentido cósmico aqueles espaços obscuros. Mas agora, a partir dos anos 80 e 90, sobretudo com o Côa, temos a certeza de que os tais “selvagens” organizavam conceptualmente paisagens inteiras, a maior das quais se preservou miraculosamente em território português. A partir dos volumes da natureza, vista como uma totalidade significativa, figuras de animais, motivos antropomórficos ou esquemáticos, eram realizados com o fim de sacralizar todo o curso de um rio, qual grande gruta ao ar livre. Abre-se aos nossos olhos deslumbrados uma nova “imagem” da mentalidade desses antepassados de há 200 séculos. Afinal, eles só eram “selvagens” na nossa deturpada imaginação, que assim desvalorizava o que era já uma evoluída forma de vida, escorada num sentido de conjunto do mundo. Esse sentido não emergia instantaneamente das figuras gravadas ou pintadas. Exigia silêncio, tempo, passagem do imediatamente visível para o outro lado. Talvez essa “viagem” fosse conduzida por iniciados, talvez essa força que assim adquiriam lhes orientasse o pulso no traçado, com um gume ou ponta de pedra, da forma perfeita, certa, a que permitia exprimir a ordem e a harmonia da realidade.

* Texto parcialmente publicado no desdobrável da Exposição das fotografias de Duarte Belo sobre o vale do Côa realizada pela Fundação Gomes Teixeira no Círculo Universitário do Porto, em Junho de 1995.

Talvez estas palavras sejam só uma nova tentativa de mitificar esses “primitivos” em que nos retratamos no espelho deformante da nossa memória. Mas, poderemos viver amnésicos? Poderemos prescindir do Côa sem o sentimento de termos cometido um monstruoso crime?

O som das ondas que agora de vez em quando já banham os cavalos e os bois que daquelas rochas nos olham, ou que até cobrem figuras que se tornaram temporariamente invisíveis debaixo de água, parece pedir-nos, numa espécie de aflição escorrida, interminável, que acorramos a salvar algo de nós que ali jaz.

Estas águas jamais poderão ser uma torrente de sangue ou um pântano de agonia da nossa identidade. O Côa em todo o seu deslumbramento, nós, aqui presentes, para sempre exigimos.

Porto, Junho de 1995